

fisenge

Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros

JORNAL DA



Ano IV nº 30
maio de 2009



SILVANA SÁ

Entrevista
César Benjamin **Página 8**

SILVANA SÁ



Planejamento Estratégico: lutas e metas para o próximo biênio

Entre os dias 2 e 5 de abril, a diretoria da Fisenge e representantes dos sindicatos filiados estiveram reunidos em Ouro Preto para discutir os próximos passos da atual gestão, que comanda a entidade até 2011. Além de continuar firme na defesa dos interesses dos trabalhadores, a Fisenge ampliará seu trabalho pela construção de um projeto político nacional coletivo. Páginas 4 e 5

Urbanismo debatido no Senge-RJ

A urbanista Raquel Rolnik falou, entre outras coisas, sobre o projeto do governo, que prevê a construção de 1 milhão de moradias populares. “Sempre buscamos subsídios para a baixa renda, esta é uma conquista nossa”. **PÁGINA 3**

CUT realiza reunião do GT-Desenvolvimento

Diversas entidades sindicais filiadas à Central estiveram presentes. Objetivo da reunião foi começar a traçar o projeto político dos trabalhadores para as eleições de 2010. A Fisenge teve participação ativa. **PÁGINA 6**

Confea discute valorização com federações

O grupo de trabalho sobre Valorização Profissional do Confea reuniu, no último dia 22, presidentes das três federações e do Conselho. Juntas, as entidades irão elaborar ações pela defesa da categoria. **PÁGINA 7**

EDITORIAL

Papel Decisivo

Está cada vez mais evidente para a nação brasileira a tarefa histórica dos movimentos progressistas no enfrentamento da atual crise. É tarefa nossa, dos sindicatos e forças sociais, a construção do desenvolvimento a partir de ações amplas e coletivas.

Convivemos, em meio a um longo processo de democratização, com o que há de mais atrasado na política brasileira. O empresário flagrado em atos de corrupção afirma, sem pudores, que dinheiro público não tem dono. Nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário os exemplos de desrespeito à inteligência nacional se repetem em um cenário de extrema desigualdade e de forte mobilização contra fatos que ameaçam conquistas democráticas históricas da sociedade brasileira.

Em cena aberta, no palco do Supremo Tribunal Federal, a chamada "mais alta corte do país", expõe, em rede nacional, alto e em tom contundente, as diferenças ideológicas do poder Judiciário.

Em resposta a tudo isso, a indignação e o descrédito dão lugar ao bom combate e os movimentos populares investem cada vez mais em uma agenda própria, com atos públicos contra o autoritarismo e a impunidade, pela garantia dos direitos adquiridos e pela afirmação crescente da ética na política, entre outras bandeiras de luta.

Além das ações pontuais de praxe, o 1º de maio deste ano foi marcado, em alguns estados, pela volta às ruas em grandes atos públicos. Unidas, as centrais sindicais, em Brasília, participaram do Dia de Mobilização e Lutas em Defesa do Emprego e dos Direitos Sociais. Os trabalhadores reivindicaram a ampliação do emprego, dos salários e direitos, a redução da jornada de trabalho sem redução de salário, o fim do superávit primário, a redução dos juros, a reforma agrária e o investimento em políticas sociais.

O momento exige e a realidade demonstra que a mobilização nacional cresce em torno de eixos gerais. Em consequência, cresce também a consciência do papel decisivo que sindicatos e federações devem desempenhar com a afirmação de políticas estratégicas e amplas no processo de consolidação do desenvolvimento nacional.

A diretoria

O 1º de maio pelo Brasil

Dia do Trabalhador é comemorado com descontração e luta

Neste ano, o 1º de Maio foi comemorado com atos conjuntos entre as centrais sindicais e com atividades separadas. Algumas se caracterizaram pela descontração. Outras, no entanto, foram marcadas por protestos.

Rio de Janeiro

Foram realizados, na cidade, diversos atos durante todo o dia. Pela manhã, a CUT organizou um protesto em frente à TKCSA - Cia. Siderúrgica do Atlântico. Na Quinta da Boa Vista, a CUT, em conjunto com CTB, CGTB, UGT, Força Sindical e NCST, convocaram atividades com a presença de artistas populares e prestação de serviços. Na Cinelândia, à tarde, a Conlutas realizou ato político pela redução de jornada de trabalho, sem redução de salário, além de defender a reestatização da Embraer e a readmissão imediata dos funcionários da empresa.

Minas Gerais

Houve festa e sorteio de carros 0Km em Belo Horizonte, pela Força Sindical. No dia 30 de abril, a manifestação em homenagem ao Dia dos Trabalhadores foi organizada por entidades sindicais e populares. O ato foi conjunto, com a participação da CUT, CTB, Conlutas, Nova Central, Intersindical e UGT.

Paraná

A Força Sindical realizou atividades em Curitiba, com shows e sorteios de prêmios. Já a CUT, em parceria com a CTB e movimentos populares, realizou atos na periferia de Curitiba. Em caminhada, os trabalhadores seguiram para o centro da comunidade Vilas Torres, onde distribuíram alimentos e reivindicaram mais justiça social.

Sergipe

A CTB organizou ato público em defesa do emprego e dos direitos sociais. Também foi realizado ato em defesa do meio ambiente, com o abraço simbólico no Rio Poxim. A Conlutas realizou atividades em Aracaju. Também houve protestos contra a transposição do Rio São Francisco. A CUT-SE realizou passeata que teve início na Praça da Bandeira, em Aracaju. A atividade incluiu protestos em frente a supermercados e multinacionais.

Pernambuco

Através do teatro, a CUT e demais centrais passaram aos pernambucanos a mensagem de crítica à Celpe - Cia. Energética de Pernambuco, pelos constantes aumentos da tarifa de energia elétrica. A atividade foi realizada em Recife, no dia 30 de abril. Depois, os trabalhadores seguiram em passeata até a sede do governo do estado.

Paraíba

A CUT realizou atos públicos nas cidades de João Pessoa e Cabedelo. Em Cabedelo, a Central organizou uma marcha, que saiu da Praça Principal em direção ao Porto, onde houve ato pela geração de mais trabalho e renda. Em João Pessoa, foi realizada uma marcha que terminou com ato público e shows.

Bahia

A CUT realizou ato no Pelourinho, com a presença de milhares de trabalhadores e movimentos sociais. A Central Sindical também reuniu uma multidão na Praça Castro Alves. Em Salvador, a CTB, CGTB e NCST realizaram ato conjunto, com apresentações de capoeira e brincadeiras para as crianças.

Espírito Santo

Em Vitória, a CUT promoveu caminhada pela praia de Camburi. Após a marcha, foram realizadas atividades políticas, esportivas, recreativas e culturais. Uma feira foi montada para mostrar as lutas e campanhas das entidades sindicais. A programação também foi marcada com ato político.

Santa Catarina

Em Criciúma, a CUT promoveu um círculo de debates sobre os Direitos e Saúde do Trabalhador. As atividades foram realizadas durante os dias 28, 29 e 30 de abril. Na ocasião, também foram coletadas assinaturas para o Piso Estadual de Salário e Moradia. A Força Sindical realizou ato no dia 30.

fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

DIRETORIA EXECUTIVA: Carlos Roberto Bittencourt - PR - **Presidente:** Vicente de Paulo Alves Lopes Trindade - MG - **Vice-Presidente:** Renato Andrade - BA - **Diretor Financeiro:** Clóvis Francisco Nascimento Filho - RJ - **Secretário Geral:** Fernando Elias Vieira Jogaib - VR - **Diretor de Relações Sindicais:** José Ezequiel Ramos - RO - **Diretor Executivo:** Eduardo Medeiros Piazeria - SC - **Diretor Executivo:** Raul Otávio da Silva Pereira - MG - **Diretor Executivo:** Roberto Luiz de Carvalho Freire - PE - **Diretor Executivo**
Coordenadora de Comunicação: Tania Coelho; **Jornalista Responsável:** Silvana Sá MTE: 30.039/RJ; **Diagramação:** José Carlos Bezerra; **Tiragem:** 2.000 exemplares; **Impressão:** Gráfica Falcão; **Fisenge:** Av. Rio Branco, 277 - 17º andar - CEP 20040-009 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Tel: (21) 2533-0836 - Fax: (21) 2532-2775 - **E-mail:** fisenge@fisenge.org.br **Site:** www.fisenge.org.br



URBANISMO

Déficit habitacional em pauta no Senge-RJ

A urbanista Raquel Rolnik, professora da USP, foi convidada para dar palestra sobre Urbanismo, dia 16 de abril, no Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro

Raquel Rolnik, que também foi secretária nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades, comentou o projeto do governo federal de construção de 1 milhão de moradias para pessoas de baixa renda. Para a professora, o país nunca teve como prioridade programas de incentivo à moradia popular. "O marco dos investimentos foi quando o BNH destinou apenas R\$ 1,5 milhão para a construção de casas populares. Além disso, a marca dessa produção foi a precariedade. Precário do ponto de vista arquitetônico, inclusive. Caixote não é moradia adequada", criticou.

Construção de 1 milhão de casas

Para Raquel Rolnik o projeto recém-lançado do governo Federal para a construção de habitações populares subsidiadas é um feito "revolucionário". "Nunca houve no Brasil um subsídio tão grande para famílias de baixa renda. Lutamos mais de 50 anos para que isso acontecesse", afirmou. Entretanto, para a urbanista, o paradigma básico da produção – concentração de renda e de poder – não foi rompido.

"Atualmente estão concentrados nas mãos de cerca de dez empresas de construção civil os projetos para a edificação dessas moradias. Isso se repete da mesma forma como aconteceu no

Chile, na África do Sul e México, que tiveram projetos muito semelhantes a esse", afirmou Raquel.

Faltam moradias?

O Brasil vive uma situação singular no que diz respeito ao déficit de moradias. O que há, de acordo com Raquel Rolnik, é um déficit de habitabilidade, já que existem mais imóveis vazios do que a necessidade de ocupá-los. Em São Paulo, o déficit habitacional é de 188 mil moradias, no entanto, existem quase 300 mil imóveis residenciais vazios. No Rio de Janeiro a situação não é muito diferente: embora haja um déficit de 149 mil moradias, há mais de 200 mil imóveis não utilizados.

Mais informações no site: www.fisenge.org.br.

Raquel demonstrou otimismo ao comentar o programa "Minha casa, minha vida"



SILVANA SA

TRANSPORTE

Senge-BA discute mobilidade urbana

Objetivo foi apontar principais problemas e sugerir soluções para o transporte urbano e rural

O Seminário sobre Mobilidade Urbana, promovido pelo Senge-BA e Prefeitura de Vitória da Conquista, com participação de outras entidades e apoio da Fisenge, foi realizado entre os dias 13 e 15 de abril, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia.

Durante os três dias de debates, os temas estiveram relacionados aos problemas e soluções a serem adotadas na malha viária do estado da Bahia, bem como a ações que levem à promoção da cidadania através dos meios de transporte.

Os cerca de 300 participantes elaboraram a Carta de Vitória da Conquista, que aponta diretrizes e propostas para a me-



ARQUIVO PREFEITURA DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Cerca de 300 pessoas participaram do Seminário de Mobilidade Urbana na Bahia

lhoria do transporte no Brasil, na Bahia e na cidade onde foi realizado o evento.

Dentre as propostas estão a Criação de Fundos Municipais, Estaduais e Nacional destinados a investimentos na melhoria do sistema, redução de tarifas e cobertura de gratuidades; Utilização exclusiva dos recursos da CIDE (Contribuição de Intervenção de Domínio Econômico) em infra-estrutura dos transportes públicos e mobilidade urbana; Reconhecimento do transporte público como serviço essencial de modo a garantir o mesmo tratamento dado aos demais serviços essenciais definidos na constituição.

O documento pode ser acessado, na íntegra, no endereço eletrônico da Fisenge.

Sindicatos filiados



CAPA

SILVANA SA

Fisenge define estratégias de atuação

Entidade busca consolidar luta pela defesa dos engenheiros e dos movimentos sociais



Participantes assistem atentamente palestra ministrada pelo cientista político César Benjamin

Entre os dias 2 e 5 de abril, a Fisenge realizou seu Seminário de Planejamento Estratégico, em Ouro Preto, MG, que contou com a participação de toda a direção da entidade, além dos presidentes dos Senges filiados. Durante três dias os dirigentes discutiram as ações e eixos de atuação nos quais a Federação e os sindicatos trabalharão no triênio 2009/2011. Os destaques foram assuntos relacionados à conjuntura política e econômica nacional, negociações coletivas, o fortalecimento da estrutura e organização sindical, valorização profissional, políticas agrícolas e agrárias e a interação com a sociedade.

O presidente da Fisenge, Carlos Bittencourt, explica a importância do evento: "O Planejamento Estratégico é um momento no qual a entidade, em conjunto com os sindicatos, estabelece a linha política nacional. Cada sindicato filiado tem autonomia para gerir as questões locais e da própria organização, mas a pauta nacional é montada, em unidade, no Planejamento".

As ações foram propostas a partir do Planejamento Estratégico 2006/2008, que definiu uma série de áreas de atuação e de fortalecimento da Federação. A partir dos trabalhos apresentados, foi possível estabelecer as novas prioridades. A ideia, com este movimento, é dar continuidade ao que já foi realizado, ampliando as ações e as áreas de atuação da Fisenge e de seus sindicatos.

Negociações coletivas

Um dos maiores focos de trabalho da

Federação e de seus sindicatos filiados, as negociações coletivas, ganha cada vez mais importância. O assunto em pauta é o não cumprimento da Lei 4.950-A, que rege o Salário Mínimo Profissional da categoria. Este tem sido um fator de dor de cabeça para os dirigentes, mas, ao mesmo tempo, serve para evidenciar a coesão dos engenheiros, que lutam para que seus direitos conquistados sejam preservados.

Raul Otávio Pereira, diretor executivo da Fisenge, entende que as ações da entidade

questão das negociações. "É importante que aumentemos os acordos globais com empresas multinacionais que possuem sede no Brasil".

Na opinião do vice-presidente da Fisenge, Vicente Trindade, os contextos nacional e internacional exigem atuação firme. "O momento é crítico e devemos manter a luta cada vez mais forte. Só assim poderemos conter a força do capital sobre o trabalho", disse.

Crise e conjuntura política

O cientista político César Benjamin foi convidado a proferir palestra sobre a crise e a atual conjuntura econômica nacional e mundial para subsidiar as discussões sobre o assunto. A palestra foi seguida de um longo debate que teve por objetivo assinalar possíveis intervenções da entidade, no sentido de inserir a categoria nas principais discussões de relevância nacional.

Tudo isso faz parte do projeto de inserção da Engenharia como protagonista na elaboração e defesa de um projeto político para o Brasil, que tenha como prioridades a ampliação da distribuição das riquezas, o amplo acesso às tecnologias e o incentivo à qualificação profissional e educação.

Neste sentido, foi defendida a atuação da Fisenge e de seus sindicatos filiados na confecção de propostas aos candidatos, tanto estaduais, quanto presidenciais, para as eleições de 2010. A entidade trabalhará no sentido de buscar apoios para pautar a plataforma junto à sociedade, além de realizar, em conjunto com movimentos sociais e

Os engenheiros são capacitados a pensar em soluções e melhorias, especialmente na área de políticas públicas

Carlos Bittencourt

Presidente da Fisenge

serão ampliadas a partir da oxigenação dos quadros sindicais. "É preciso chamar mais pessoas para a luta. Também precisamos aumentar nossa capacidade de negociação, ampliando o número de empresas nas quais atuamos e aprofundando as discussões", salientou. O dirigente também observou a importância das Relações Internacionais na

sindicais, pressão para que as propostas sejam assumidas por quem vier a comandar o país a partir de 2011. Esse trabalho já está sendo desenvolvido através da participação da Fisenge no projeto Pensar Brasil, do Confea, e da parceria com a CUT, que prepara a Plataforma dos Trabalhadores, a ser defendida em 2010.

Para Bittencourt, os engenheiros necessitam estar envolvidos com essas discussões, especialmente pelo trabalho que desempenham. "Os engenheiros são capacitados a pensar em soluções e melhorias, especialmente na área de políticas públicas, como saneamento, habitação, energia", afirmou.

Políticas Públicas

A Fisenge continuará atuando nas áreas de saneamento, moradia, recursos hídricos, transporte. Em todas essas frentes, a Federação possui tradição em estudos e publicações de materiais e documentos. A entidade participou da luta que culminou no projeto de construção de 1 milhão de casas populares e também viu a Lei 11.445, que estabelece diretrizes nacionais para o Saneamento Básico, ser sancionada pelo presidente Lula. A luta agora é para que ela seja aplicada em todas as camadas sociais.

Políticas urbanas

O Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, nas favelas, foi um dos destaques na discussão sobre políticas públicas. O motivo é bem simples: o PAC das favelas reúne, em si, diversas frentes de luta – moradia, saneamento, inclusão social. Além disso, tem forte participação da categoria profissional. Foi proposto que a entidade discuta de forma mais abrangente o programa para apontar possíveis melhorias.

A Lei 11.888, de Assistência Técnica Gratuita, foi mais uma conquista da luta dos Engenheiros, Arquitetos, Urbanistas e dos movimentos sociais, especialmente dos que lutam pela moradia. O foco, agora, passa a ser a luta para viabilizar a assistência gratuita às famílias de baixa renda e a adequação dos municípios à Lei Federal.

Está, também, na agenda da Federação a discussão sobre Transportes. Recentemente o Senge-BA, com apoio da Fisenge e da Prefeitura de Vitória da Conquista, realizou Seminário sobre Mobilidade Urbana. No evento, foram apresentadas e discutidas propostas para o transporte público e malha viária tanto do estado da Bahia, quanto em nível nacional (página 3).

Políticas agrícola e agrária

As ações da Fisenge não estão restritas às cidades. É papel da Federação e dos sindicatos filiados a defesa de políticas também para o campo. A sustentabilidade da agricultura familiar é um dos focos. Aliada a essa questão, está a preocupação com a segurança alimentar, considerando, especialmente, a questão dos biocombustíveis. Outra importante área é a reforma agrária. A entidade, que sempre foi simpática

à causa do MST, continuará apoiando as lutas dos trabalhadores por terra.

Movimento popular e estudantil

Os dirigentes presentes no encontro destacaram a importância de estreitar ainda mais os laços da Fisenge com os movimentos sociais e com os estudantes. De um lado, porque é papel da entidade a luta por um Brasil mais justo, pauta constante dos movimentos populares. Emprego, moradia, educação, saúde, lazer são lutas históricas dos movimentos sociais e também dos engenheiros. Por isso, a Federação acredita que a união e o fortalecimento das relações entre essas duas esferas darão ainda mais impulso à defesa desses direitos.

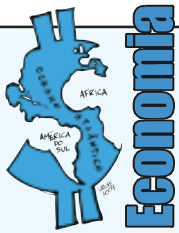
Por outro lado, é preciso renovar a força e a estrutura sindical, através dos estudantes e novos profissionais de Engenharia. Formar novos líderes e dar continuidade à luta e atuação da categoria é um caminho que não pode ser abandonado. Só dessa forma as questões de defesa profissional, valorização e luta pela manutenção dos direitos serão ampliadas.

FOTOS: ARQUIVO FISENGE



Os grupos de trabalho se reúnem para avaliar as áreas de atuação da Federação e dos Sindicatos filiados. De cima para baixo: participantes definem

diretrizes para ação na área de Estrutura e Organização Sindical. Dirigentes estudam a área Engenharia, Políticas Públicas e Meio Ambiente. Terceiro grupo define ações para Relações Sindicais.



Setor elétrico descumpre Lei 4.950-A

Piso salarial da categoria é ignorado por interpretação equivocada

Os Sindicatos de Engenheiros filiados à Fisenge estão travando verdadeira batalha pelo cumprimento do Salário Mínimo Profissional. Já não bastavam as empresas que tradicionalmente teimam em descumprir a regulamentação, agora a Eletrobrás baixou regulamentação para todo o setor elétrico para que também não acate a Lei. O motivo é a interpretação errada da Súmula Vinculante 4, que diz que o salário mínimo não pode servir como indexador de base de cálculo

de vantagem para servidor público ou de empregado.

O gerente jurídico do Senge-RJ, Luiz Fernando Contreiras, explica o que isso quer dizer: "Entendemos que a Súmula só se aplica a vantagens, como gratificações por exemplo", disse. Este também é o entendimento do ministro do STF Cezar Peluso, que, durante discussão sobre a Súmula, afirmou que vencimento não era sinônimo de vantagem.

A Súmula Vinculante 4 é recente, data de maio de 2008. "Não sabemos como a Justiça irá se comportar, mas

permaneceremos sustentando que o reajuste do SMP deve continuar sendo feito a partir do reajuste do salário mínimo nacional", afirmou Contreiras.

Por esta razão, o Senge-RJ entrou com uma Ação Cível Pública contra Furnas e Eletronuclear. Até meados de maio o sindicato também moverá Ação contra Cepel e Eletrobrás. O mesmo fez o Senge-PR, que entrou com ação judicial contra a Copel, por também não cumprir a Lei. Neste caso, a audiência já foi marcada: será realizada em 17 de agosto.

CUT prepara Plataforma dos Trabalhadores em conjunto com entidades filiadas

Fisenge faz parte do GT-Desenvolvimento, que defenderá pautas para as eleições de 2010

A Central Única dos Trabalhadores realizou no dia 29 de abril a primeira reunião do GT-Desenvolvimento. O encontro foi dirigido pelo presidente da CUT, Arthur Henrique, e teve a participação de diversos sindicatos filiados à Central. A meta é começar a desenvolver a Plataforma da Classe Trabalhadora para as eleições de 2010. O presidente da Fisenge, Carlos Bittencourt, representou a entidade. O diretor executivo da Fisenge, Raul Otávio Pereira, foi o representante do Senge-MG.

As ações se darão em três frentes: nacionais – com ciclo de debates; regionais – por meio de articulação com as Estaduais da CUT e sindicatos; e formativas – através do Programa Nacional de Forma-

ção, durante o ano de 2009, com lançamento da Plataforma em 2010.

Atuação da Fisenge

Reconhecida como entidade que possui grande acúmulo de experiência em estudos e atuação social, a Fisenge contribuirá com o encaminhamento de trabalhos já realizados nas áreas de Políticas Públicas e temas sociais. Transporte, Saneamento, Habitação, Mercado de Trabalho e Energia são algumas das áreas de atuação da Federação.

Carlos Bittencourt avaliou de forma positiva o encontro, que é a continuidade da Jornada pelo Desenvolvimento com Distribuição de Renda e Valorização do Trabalho, iniciada em 2005. "V-

ISAIAS DALLE/CUT



Ação: líderes sindicais planejam próximas etapas da Jornada

amos utilizar todo o nosso conhecimento acumulado para contribuir com a Central e com a defesa de uma plataforma nacional para os trabalhadores", afirmou.

A Fisenge também participa do Projeto Pensar Brasil, do Confea. O programa articula diversas entidades nacionais

e regionais em busca de estratégias de defesa de um projeto político democrático e socialmente responsável para o Brasil. Esta experiência poderá ser levada para a CUT.

Seminários Nacionais

Serão realizados, até novembro deste ano, quatro seminários nacionais. O primeiro acontecerá em julho, em data a ser posteriormente divulgada. Está previsto, para a ocasião, o lançamento do primeiro caderno temático da CUT, que trabalhará uma das quatro grandes áreas de discussão.

Em agosto, durante o 10º Congresso Nacional da CUT, será realizado um seminário internacional que dará mais subsídios ao desenvolvimento da Plataforma.

Na reunião foi deliberado que a Central realizará seminários regionais para discutir quatro grandes áreas:

- Democracia, participação popular e controle social;
- Educação, Saúde, mercado de trabalho e proteção social;
- Política energética, industrial, agrícola e agrária, política urbana e meio ambiente;
- Integração regional e energética, política internacional e sistema financeiro.

AÇÃO CONJUNTA

Confea, Fisenge e demais federações trabalham pelo reconhecimento da categoria

Encontro em São Paulo tratou de questões relacionadas à valorização profissional

No último dia 22 de abril, o presidente da Fisenge, Carlos Bittencourt, se reuniu com o presidente do Confea, Marcos Túlio, e os presidentes da FNA e FNE para dar direcionamento aos trabalhos que as instituições vêm realizando sobre Valoração Profissional. Vicente Trindade, vice-

presidente da Fisenge, é um dos coordenadores da área no Confea. A reunião foi realizada em São Paulo, na sede do Sindicato dos Engenheiros do estado.

A idéia é dar continuidade ao GT-Valoração Profissional, que pretende realizar até o dia 30 de setembro diversos seminá-

rios regionais sobre o tema. Será realizada uma pesquisa nacional sobre a realidade vivenciada pelos engenheiros, agrônomos e arquitetos, a fim de adequar as medidas às reais necessidades da categoria.

A Fisenge, a FNA e a FNE apresentará durante a Semana de Engenharia, que será realizada entre os dias 2 e 5 de dezembro, em Manaus, trabalhos, proposições e resultados do que as instituições já prepararam sobre a questão.

Foi decidido, ainda, que o Sistema Confea/Creas lançará uma campanha na mídia sobre a valorização da categoria, que também será apresentada durante a Semana de Engenharia.

Bittencourt acredita no sucesso do trabalho a partir da união das três federações. "Hoje temos pessoas coordenando este programa, a clareza da importância do tema e quais os caminhos seguir. Será muito bom atuar em conjunto", afirmou.



Os presidentes da Fisenge, FNE, Confea e FNA definem estratégias para o GT-Valoração Profissional

Aquivo FNA

DEMISSÕES NO CREA-MG

Frente Sindical participa de reunião do Colégio de Presidentes dos Creas

Objetivo foi buscar apoio do Sistema para a reintegração dos demitidos do CREA-MG

No dia 15 de abril, representantes do Senge-MG, Sindicato dos Geólogos de Minas Gerais (Singeo-MG) e Sindicato dos Empregados de Conselhos e Ordens de Fiscalização do Exercício Profissional do Estado de Minas Gerais (Sindecufe) participaram de reunião do Colégio de Presidentes do Sistema Confea/Creas na sede do Crea-MG, em Belo Horizonte. O espaço foi cedido às entidades para que fosse abordado o tema dos 35 demitidos no mês de março.

O secretário-geral do Senge-MG e diretor da Fisenge, Raul Otávio Pereira, destacou a importância de entidades e Crea-MG buscarem uma solução de consenso para o problema e salientou que nenhuma entidade sindical defende maus profissionais.

- Não estamos aqui para defender pessoas que não estão comprometidas

com a função. Eventuais demissões, se for o caso, deverão sempre ser precedidas de avaliações de desempenho, programas de treinamento e oportunidades de melhoria de desempenho para os empregados, e não simplesmente uma avaliação (da qual ninguém tem conhecimento) que aparece de uma hora para outra.

O dirigente finalizou sua participação enfatizando que o objetivo da Frente Sindical é a reintegração dos demitidos, medida essa que pode ser acompanhada de trabalhos conjuntos com os sindicatos para a criação de uma metodologia de avaliação dos funcionários. "Nosso interesse é que o Conselho cresça em sua atividade fim. Queremos uma solução negociada que preserve tanto a situação dos demitidos quanto o CREA-MG", disse Raul.



Raul Otávio Pereira representou a Frente Sindical pela defesa dos demitidos

ARQUIVO SENGE-MG

ENTREVISTA CÉSAR BENJAMIN

SILVANA SÁ

Crise financeira possui sua origem no software da economia

O cientista político César Benjamin, durante o Seminário de Planejamento Estratégico da Fisenge, realizou palestra avaliando a crise econômica mundial e suas particularidades. Ele também fez um histórico sobre a origem da crise.

Jornal da Fisenge - Qual a diferença entre a atual crise e outras que o mundo já presenciou?

César Benjamin - O caráter estranho da crise mundial atual é que ela é grave, será prolongada, mas não decorre de nenhuma destruição da parte física da economia, que permanece intacta. A capacidade de o mundo produzir hoje é igual ao que era há seis meses atrás. No entanto, a produção efetiva, realizada pelo mundo hoje, é bastante inferior a de seis meses atrás.

Fisenge - Que parte, então, a crise atingiu?

Benjamin - Assim como o computador tem um conjunto de componentes físicos, ele também tem um conjunto de programas, que são instruções intangíveis. Se um computador cai no chão e quebra, ele para de funcionar. Mas, se ele permanece intacto e você retira dele os programas, ele também para de funcionar, embora a sua máquina permaneça intacta. O mesmo ocorre com a economia. Ela possui uma base física, mas também tem um conjunto de operações intangíveis que informam essa base sobre o que deve ser feito. Se esse conjunto de condições intangíveis se desorganiza, mesmo que a base física possa operar, ela não opera. Podemos dizer, então, que a crise atingiu o software do sistema financeiro.

Fisenge - Quanto mais moderna é a economia, maior é a capacidade de operação desse software?

Benjamin - Quando um trabalhador da Petrobras coloca a broca na pedra, já

houve uma massa enorme de operações intangíveis que tornaram possível e necessária aquela ação. Nas economias modernas, o conjunto de pré-condições cresce muito em relação às ações de transformação da matéria. Portanto, quanto mais as economias se modernizam, maior e mais complexo torna-se o software em relação à base física. Esse software regula basicamente os fluxos de moeda e de crédito, já que toda economia contemporânea tem a moeda como centro.

Fisenge - Você afirmou que a crise será prolongada. Isto se deve apenas ao fato dela ter se instalado no software da economia?

Benjamin - A crise que se instalou e que está em curso é excepcionalmente grave e vai ser prolongada por dois motivos: primeiro porque ela se instala na economia americana. Esta economia é o maior PIB mundial, é emissora da moeda mundial e o

grande pólo de demanda efetiva do mundo. Além disso, a crise começa no centro do sistema financeiro do capitalismo americano.

Fisenge - O papel dos bancos no desenvolvimento da crise está relacionado à desregulamentação no setor?

Benjamin - Por definição os bancos sempre estão em desequilíbrio, porque todos nós, em tese, podemos ir pela manhã no nosso banco e retirar nossos recursos. O banco usa esses recur-



sos para realizar operações de crédito. Nós podemos sacar nossas contas amanhã, mas o banco não pode cobrar seus devedores amanhã. Eles têm contratos que garantem aos devedores um prazo para o pagamento. Isso significa que o banco tem um passivo à vista e um ativo a prazo. Depois da crise de 29 se estabeleceu a arquitetura mundial do sistema bancário. Ele foi organizado como subsistema específico, que tem uma particularidade: contém dentro de si uma entidade pública, que é o Banco Central. Por lei ele é obrigado a funcionar como emprestador de última instância, mas é ele também o fiscal das ações bancárias.

Fisenge - Essa regulamentação durou até quando?

Benjamin - Essa regulamentação começou nos anos 30 e permaneceu em vigor até os anos 90. A partir dos anos 70, e principalmente dos anos 80, o capitalismo americano sofreu uma mutação estrutural. Ganhou um peso crescente no sistema econômico americano instituições que manejam grandes massas de recursos líquidos, como fundos de pensão, fundos de investimento. A sociedade americana passou a ser uma sociedade gestora desses grandes fundos de recursos líquidos. A base da economia de transformação da matéria se deslocou para a Ásia, onde encontrou uma força de trabalho disciplinada, laboriosa e barata. Os grandes fundos viam a sua mobilidade prejudicada pela regulamentação do sistema financeiro. Fizeram pressão até que em 1999 os Estados Unidos abandonaram a regulamentação.

O caráter estranho da crise atual é que ela é grave, será prolongada, mas não decorre de nenhuma destruição da parte física da economia